A *amicitia* e a *fides* de Plínio o jovem: vocabulário e moral política

The *amicitia* and the *fides* of Pliny the young: vocabulary and political moral

Renata Lopes Biazotto Venturini[*]
Universidade Estadual de Maringá

Resumo

O sujeito desse artigo é o vocabulário político, em particular aquele presente nas epístolas de Caio Plínio Cecílio Segundo (62-113 d.C.), que nos permite entrever as relações de poder na segunda metade do século I d.C. Estamos certamente diante de um documento histórico que se apresenta na forma de cartas endereçadas a amigos, familiares, componentes da elite senatorial e equestre, escritores. Elegemos como modelo interpretativo a pluridisciplinaridade que acompanha a história intelectual e que permite resgatar a importância das epístolas no contexto histórico do principado romano.

Palavras-chave: Vocabulário político; virtudes; poder; cartas; Plínio o jovem.

Abstract

The subject of this article is the political vocabulary, in particular that present in the epistles of Caio Plínio Cecílio Segundo (62-113 AD), which allows us to glimpse the relations of power in the second half of the first century AD. We are certainly facing a historical document that is presented in the form of letters addressed to friends, family, members of the elite senatorial and equestrian, writers. We choose as an interpretative model the pluridisciplinarity that accompanies the intellectual history and that allows to rescue the importance of the epistles in the historical context of the roman principality.

Keywords: Political vocabulary; virtues; power; letters; Pliny the young.

- **Enviado em: 16/06/2019**
- **Aprovado em: 31/07/2019**

[*] Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Professora junto ao Programa de Pós-Graduação em História e professora de História Antiga no Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá-PR. Atualmente coordena o STVDIA – Grupo de Estudos interdisciplinares em Antiguidade e Tardo Antiguidade. rlbv65@gmail.com.

"Cada palavra evoca um contexto ou contextos nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa."[1]

O sujeito desse artigo é o vocabulário político, em particular aquele presente nas epístolas de Caio Plínio Cecílio Segundo (62-113 d.C.), que nos permite entrever as relações de poder na segunda metade do século I d.C. A palavra poder comporta diferentes conteúdos; o poder é ao mesmo tempo cobiçado, cortejado, recusado, disputado, exercido. Disso resulta a importância da palavra: "a palavra é material histórico[2]".

Uma palavra contém múltiplos empregos capazes de sugerir diferentes interpretações nos colocando diante de imprecisões que devem ser reconhecidas e avaliadas. A escrita da história tem o próprio contexto como objeto de investigação e a leitura dos documentos não é apenas uma narrativa pois a palavra tem uma profunda dose de criatividade. Conforme observado por Bakthin

> "...Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra no mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão poderia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalidade é que pode dela se afastar."[3]

Nesse sentido, antes de extrairmos um significado substancial do objeto é necessário especificar as características que envolvem sua constituição. Não podemos esquecer que todo vocabulário é tributário do mundo onde foi concebido e conhecido. Instituição viva e flexível como já sublinhou o filósofo britânico John Locke (1632-1704)

> "As palavras, na sua imediata significação, são sinais sensíveis de suas ideias, para quem as usa. Palavras, em seu significado primário e imediato, nada significam senão as ideias na mente de quem as usa, por mais imperfeita e descuidadamente que estas ideias sejam apreendidas das coisas que elas supostamente representam. Quando um homem fala com outro, o faz para que possa ser entendido; e o fim da fala implica que estes sons, como marcas, devem tornar conhecidas suas ideias ao ouvinte. Estas palavras, então, são as marcas das ideias de quem fala"[4]

---

1 BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. IN: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277.

2 NICOLET, Claude. Du pouvoir dans antiquité : mots et rélités. IN :_____(dir.) *Du pouvoir dans antiquité : les mots et les rélités*. Geneve : Droz, 1990. p .9.

3 *Op.cit*. p.100.

4 *Ensaio para o entendimento*. SP : Abril Cultural, 1978.p.23.

Com os escritos de Caio Plínio Cecílio Segundo estamos certamente diante de um documento histórico que se apresenta na forma de cartas endereçadas a amigos, familiares, componentes da elite senatorial e equestre, escritores (poetas, historiadores, biógrafos...). Elegermos modelos interpretativos que permitam resgatar sua importância no contexto histórico do principado em particular o vocabulário das relações políticas é nosso objetivo.

O principado é um poder pessoal. Ao receber o *imperium* o governante recebe um poder de fato com suas competências legais (*imperium proconsulare maius*, *tribunicia potestas*). Ao *princeps* por seu nascimento é atribuído o direito de conduzir os negócios públicos no interesse do cidadão. Simultaneamente são imputadas qualidades que denotam influência e predisposição ao poder. Embora sustente as possibilidades de um poder supremo, um domínio de fato, ele deveria representar a tradição da *res publica*

> *Principatus* designa claramente o regime do 'príncipe' ...A palavra pertence ao vocabulário da República, e se submete apenas a uma modificação de seu emprego, aplicada à predominância de um homem que está encarregado dos negócios públicos, encarnando o Estado. (...)É uma forma de Estado, boa ou má, segundo os príncipes"[5] (tradução nossa)

Os exemplos que podemos ler em Plínio o Jovem nos faz reconhecê-lo como um escritor político, cujas ideias devem ser reconhecidas e estudadas no contexto de produção de seus escritos, ou seja, devemos reconhecer a historicidade de quem interpreta. Nesse sentido entendemos o autor como um intelectual de seu tempo e o estudo de seus escritos denotam formas de pensamento, de suas práticas e tradições. Trata-se, portanto, de uma proposta de estudo no âmbito da História intelectual, " domínio pluridisciplinar por excelência [6]".

Lyn Hunt bem nos lembrou que "a crítica literária tem ensinado ao historiador reconhecer o papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e na descrição da realidade histórica[7] ". Portanto, a relação entre textos e contextos é uma relação de intertextualidade, ou seja, o texto e o contexto deveriam ser analisados por meio de um

5 No original : « *Principatus* désigne clairement le régime du 'prince'...Le mot appartenait au vocabulaire de la Répiblique et il ne subissait qu´une modification d´emploi, appliqué à la prédominance de l´homme qui s´était chargé des affaires publiques, incarnant l´Etat.(...) Il est une forme d´Etat bonne ou mauvaise selon les princes. » BÉRANGER, Jean. L´expression du pouvoir suprême chez Tacite. IN : NICOLET, Claude (dir.). *op.cit*. p. 192.

6 SILVA, Helenice Rodrigues da A história intelectual em questão. IN:LOPES, Marcos Antonio (org.) *Grandes nomes da história intelectual*. SP: Contexto, 2003. p. 16.

7 HUNT, Lyn. História, cultura e texto. IN:__(dir.) *A nova história cultural*. SP: Martins Fontes, 1995. pp.131-132.

processo literário que visasse o diálogo entre eles e não a busca de relações causais de reflexão entre ambos. Assim, a aparente oposição cederia lugar ao intercâmbio

> Os textos ou realidades sociais de sociedades do passado evoluem através de diálogos constantes, que devem ser examinados e abordados através de um grande número de perspectivas e que não podem ser simplesmente reduzidos a um único e monológico significado. A abordagem dialógica da história permitiria, portanto, a discussão entre categorias opostas em muitos e diferentes níveis: o diálogo entre idéias opostas dentro de textos específicos, ou o diálogo entre textos e contextos.[8]

Assim, mesmo tentados a nos deixar levar pela sedução da narrativa, reconhecemos Plínio o jovem diante da elaboração de uma imagem que deixa de ser alteridade para ser a projeção de si mesmo. Endereçando-se a Annio Severo Plínio informa a respeito da aquisição de uma estátua de Corinto e a intenção de colocá-la em local público na sua terra natal. Solicita ao amigo Severo que se encarregue da construção de um pedestal de mármore para nele " inscrever meu nome e meus títulos[9] ".



Fig. 1. *Caius Plinius Caecilius Secundus* (62-113 d.C.)
Estátua na Catedral de Como

8 KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio de Hyden White e Dominick La Capra. *Apud* . HUNT, Lyn. *Op. Cit.* p.154

9 PLINE LE JEUNE. *Lettres*.(Livres I-III). Paris: Belles Lettres, 1987. (*Ep.*III.6.5) p.111.

Plínio o jovem foi um homem público atuante, colaborador do imperador Trajano. As informações que ele próprio nos forneceu a respeito de seus recursos, propriedades são representativas das condições de existência de um homem novo, pertencente a elite municipal da província de Como, que chegou ao senado na época dos Flávios, conforme o conteúdo da inscrição de seu *cursus honorum*, (figura 2)

C. Plinius L. f. Ouf(entina tribu) Caecilius {Secundus, co(n)s(ul)], augur,
legat(us) pro pr(aetore) provinciae Pon{ti et Bithyniae]
consulari potesta[t(e)] in eam provinciam e[x s(enatus) c(onsulto) missus ab] imp(eratore) Caesar(e) Nerva Traiano Aug(usto) german[ico Dacico p(atre) p(atriae)],
curator alvei Ti[b]eris et riparum e[t cloacar(um) urb(is)],
praef(ectus) aerari Satu[r]ni, praef(ectus) aerari mil[it(aris), pr(aetor), trib(unus) pl(ebis)],
quaestor imp(eratoris), servir equitum [Romanorum],
trib(unus) milit(um) leg(ionis) [III] Gallica[e, Xvir stli] tib(us)
iudicand(is), ther[mas ex HS ...] adiectis in
ornatum HS CCC [.... et eo amp]lius in tutela[m]
HS CC, t(estamento) f(ieri) i(ussit), [item in alimenta] libertor(um) suorumhomin(um) C
HS /XVIII/ LXVI D CLXVI rei [p(ublicae) legavit, quorum in] crement(a) postea ad epulum
[pl]eb(is) urban(ae) voluit pertin[ere ..... item vivu]s dedit in aliment(a) pueror(um) et puellarr(um) plb(is) urban(ae) HS [D, item bibliothecam et] in tutelam bibliothecae HS C.



Fig.2. Carreira pública de Caius Plinius Caecilius Secundus.
IN: *CIL V 262 = ILS 2927* [10]

[10] Esta inscrição encontrava-se originalmente nas termas de Como, cidade natal de Plínio, por sua própria disposição testamentária. Desde a Idade Média a placa contendo a inscrição foi transferida para Milão e conservada na Basílica de Santo Ambrósio.

Chegamos pois as palavras que constituem a essência do vocabulário político das cartas, em especial os termos *amicitia* e *fides.* A *amicitia*, genericamente traduzida por amizade, é definida como a relação favorável entre indivíduos ou grupos políticos. Pode estar associada a relações de parentesco, relações fundadas no interesse político e mesmo ao campo jurídico. Para Malcolm Heath desde a Grécia clássica " a *philia* não é, em essência, um vínculo subjetivo de afeição e emoção calorosa, mas um vínculo objetivo de obrigação recíproca[11]".

A ideia de amizade está relacionada a *fides*, uma expectativa criada entre aqueles que são amigos. Definida como a personificação divina da boa- fé que deve presidir a relação entre os povos e as relações de *amicitia*. Comporta um conjunto de obrigações recíprocas. Trata-se da *gratia*, ou do retorno que é devido pelo serviço prestado a alguém (*officium* ou *benefecium*). Essa obrigação ética se estende das relações pessoais às alianças pessoais entre lideranças políticas.

A natureza destes laços é determinada pela capacidade material, intelectual e moral do homem político, capacidade esta que se traduz, mais completamente, pelo termo *auctoritas*. Essa noção indica os meios que o indivíduo dispõe para assegurar o seu poder social e político. Assim, ela provém da *virtus*, isto é, do conjunto de qualidades que podem ser reunidas por ele e que o distingue dos demais. Portanto, ela se coloca como um valor essencialmente pessoal.

A *virtus* designa a situação ou a qualidade do *vir*. Os termos a ela associados são: *fortitudo, labor, vigilantia, diligentia, industria, humanitas, sapientia, prudentia, memoria, intelligentia, moderatio, temperantia, clementia, iustitia, providentia, e cura.* Estes termos são abundantes na correspondência pliniana, e por meio deles podemos discorrer sobre as virtudes ligadas e coerentes com a tradição política da elite reinante na *gens* flaviana.

Os exemplos presentes nas epístolas

"Tu estás no caminho certo", escreve Plínio a Tirão, quanto tens "a habilidade de unir a amizade com tudo o que existe de honesto e de sempre atrair a afeição dos menores e ao mesmo tempo ser agradável com os grandes".[12] Com estas palavras, Plínio o jovem chama a

11 *Interpreting texts classical*. EUA: INTL PUB Marketing, 2003. pp.73-74.

12 PLINE LE JEUNE. *Lettres*. (Livres VII-IX). Paris: Belles Lettres, 1967. (*Ep.*IX.5.1) p.95.Trata-se do cônsul Caléstrio Tirão.

atenção do *familiarissime diligo*[13] Caléstrio para evitar a desmedida e respeitar as diferenças que separam os segmentos sociais das dignidades. Os termos latinos usados para evidenciar a distinção entre as categorias sociais, bem como o ideal de manter boas relações com cada uma delas são *minoribus amari, ut a simul a principibus diligare*[14].

As cartas de Plínio o jovem demonstram que todas as suas amizades repousavam sobre as virtudes. Dirigindo-se a Septício[15] ele escreve:"Tu me repreendes porque em toda oportunidade que tenho eu louvo em demasia os meus amigos. 2. Eu reconheço o fundamento da acusação e ela me agrada. Pois qual é a culpa de um delito de ternura?"

É cultivando desta forma a amizade que Plínio define sua ligação com os filósofos Artemidoro e Eufrates, com os amigos Corélio Rufo, Tício Aristão, Vergínio Rufo, Vestrício Espurina e sua família, com Sílio Itálico, com Fundano, com Árrio Antonino, com Egnácio Marcelino, com Fânio, Firmo, Tertulo, Júlio Avito, Quintiano, com Titínio Capício e com Passieno Paulo.

As virtudes descritas por Plínio para cada um dos sujeitos destas missivas, também nos permite caracterizar a relação de cada um deles com nosso autor. Plínio conhece Eufrates (*sapiens amicus*, *sanctus*), serviu na Síria, onde "*Amarique ab eo laboravi*[16]", trabalhou para conquistar sua amizade. O alto grau de intimidade entre Corélio (*modestus amicus*) e Plínio se traduz como *"amasi enim, amasi vitae meae testem, rectorem, magistrum*[17]". Ele era como um guia e um mestre de uma relação que se iniciou quando Plínio ainda era um *adulescentulus*[18]; Um profundo respeito é demonstrado na atividade literária de Tício, *amicum iustus*[19]; Rufo *sapiens amicus* e *suffragator* de Plínio, cuja grande intimidade é mostrada com a presença do termo *amicissimus*[20]. Plínio se coloca entre os *amici* de Espurina a quem se dirige como *carus amicus*[21]; Ele nos informa sobre o consulado e a vida pública de Sílio, *iustus* e *sapiens*[22]. É por meio do termo *amicus* que ele se dirige a Sílio, muito embora de maneira genérica, referindo-se aos elogios prestados aos amigos. Certamente, esta *amicitia* se estende a Sílio, já que ele é o sujeito das exortações nesta missiva.

---

13 Termos usados para descrever a relação de Plínio e Caléstrio. Ver *Ep. VII.16.1. IDEM. Ibidem.*p.24. Nessa carta Plínio aconselha Caléstrio quando ele administrava a província da Bética na condição de procônsul.
14 *IDEM Ibidem*. (*Ep.*IX.5.1) p.95
15 De origem equestre. PLINE LE JEUNE. *Lettres*. (Livres VII-IX). Paris: Belles Lettres, 1967. (*Ep.*VII.28.1-2)
16 PLINE LE JEUNE. *Lettres*.(Livres I-III). Paris: Belles Lettres, 1987. (*Ep.*I.10.1) p.10.
17 *IDEM Ibidem*. (*Ep*.I.12) pp.24-27.
18 *IDEM. Op.Cit*. (*Ep*.IV.17.6). p .17.
19 *IDEM. Op.Cit*. (*Ep.* V.3..1). p .2.
20 *IDEM. Op.Cit*. (*Ep*.II.3.1). pp.55-57.
21 *IDEM. Op.Cit*. (*Ep*.III.1.4). p .98.
22 *IDEM. Op.Cit*. (*Ep*.III.7.3). p .101.

Artemidoro, *honestus* e *prudens*, Plínio sempre se refere ao filósofo usando o termo *amicus* e *arta familiaritate*[23]. A probidade literária de Antonino é destacada nas *Epistolae IV.15 e V.18*[24]. Para fortificar a relação entre Marcelino e o destinatário da *Epistola IV.12*, Arriano Maturo. Plínio elogia o comportamento de Egnácio lembrando sempre que "todos os corações que se deixam guiar pelo sentimento da honra e pelo cuidado com sua reputação, são surpreendentemente sensíveis aos bons testemunhos e aos elogios"[25].

Logo no início da Epistola *V.5.1*[26] podemos caracterizar o laço que une Plínio a Fânio por meio do emprego do verbo *amare*. A carreira de Tertulo é indicada logo no prefácio da *Epistola V.14*. *1*[27] Além de curador da Via Emilia, foi colega de Plínio na função de prefeito do tesouro e na função de cônsul. Ele é apresentado como um cidadão digno, um modelo das virtudes antigas. Os laços de amizade entre eles são bastante estreitos: "*quae societas amicitarum artissima nos familiaritate coniunxit"*[28].

A ligação de Plínio com a família de Fundano é bastante íntima[29] , a quem endereça suas lamentações e seu consolo ao amigo pela morte prematura de sua filha. Na *Epistola V.21*[30] escreve a Julio Avito apresentando um elogio mortuário e lamenta-se da morte prematura do jovem Avito. Ele estava destinado ao mais alto *cursus honorum*, tanto pelas virtudes que possuía, quanto por aquelas que cultivava.

O vocabulário usado na *Epistola VIII.12*[31] não nos permite identificar o grau de intimidade entre Plínio e Titínio. Os elogios que lhe são endereçadas estão circunscritos a sua atuação como homem das letras. Como outros exemplos já vistos na correspondência, trata-se de um elogio mortuário. A relação de Quintiano e Plínio é apresentada por meio do verbo *amare,* no prefácio da *Epistola IX.9* [32]. Passieno é de origem equestre como Plínio; ele o admira como homem das letras. Os termos usados para caracterizar a relação entre eles são *"nostri amantissimus* e *"amico"* [33]*.*

A ligação de Plínio com seus correspondentes demonstra ser uma relação baseada em uma sabedoria mais humana, que deve estar presente tanto na vida privada quanto na vida pública, misturando severidade e delicadeza.

---

23 *IDEM. Op.Cit*. (*Ep*.III.11.5). p .125. Plínio lhe oferece ajuda financeira, em função das necessidades próprias dos anos de perseguição empreendida por Domiciano.
24 *IDEM. Op.Cit*. p.31 e p.37. Ele faz parte do círculo literário de Plínio.
25 *IDEM. Op.Cit*. (*Ep*.IV.12). pp.24-26.
26 *IDEM.* p.60.
27 *IDEM.* p.84.
28 *IDEM.* p. 85.
29 *IDEM. Ep. V.16.3-9.* pp.87-88.
30 *Op. Cit*.pp.95-96.
31 *Op. Cit*.pp.66-67.
32 *Op. Cit*.pp. 98-99.
33 *Ep. IX.22.1-3.*pp.115-116.

Na *Epistola VII.7* Plínio escreve a Saturnino, e a pedido do próprio destinatário, agradece a Prisco o reconhecimento da afeição recíproca que os une:“ 2.(...) ele também professa que não poderia estar mais feliz com a tua amizade (...), aquela de uma ternura mútua que o tempo fará somente aumentar [34]” .Estende seu conselho a Prisco

> 2. Conserva os teus sentimentos e ama o mais ternamente possível este excelente homem cuja amizade te trará grandes alegrias. (...) 3. Pois ele é dotado de todas as virtudes e principalmente a maior delas, a máxima fidelidade aos seus amigos.” [35] (tradução nossa)

Plínio o jovem sugere aos amigos para agirem pelos princípios do modelo antigo de amizade. Outro exemplo de respeito a tal costume é endereçado a Tertulo, a quem é apresentado o jovem Cláudio Pólio, *amicus familiarior* de Plínio

> “Cláudio Pólio deseja tua amizade, e ele é digno dela, primeiramente porque a deseja, em seguida porque te admira (pois não se pede a amizade de alguém, sem oferecê-la primeiro). Além disso, um homem direito, honesto, amigo da calma e discreto até o excesso, se é possível ser em excesso. 2. Quando estivemos juntos no exército, eu o conheci intimamente, e não apenas como um camarada. Ele comandava uma ala de mil homens. Eu, tendo recebido do legado consular a ordem de verificar a conta das alas, descobri em alguns uma avidez insaciável e ignóbil, um igual desperdício; nele, ao contrário, uma perfeita honestidade e uma economia minuciosa (...) 7. Eis o homem que deseja tanto a tua amizade. Acredita-me, recebe-o, abre-lhe os braços(...). Pois se deve, segundo o código da amizade, considerar como credor e não como devedor aquele que primeiro começou [a amizade]. Adeus.”[36] (tradução nossa)

Embora Plínio ressalte os valores do código de amizade onde os sentimentos contam mais que os interesses políticos, não podemos deixar de ressaltar que a preservação da amizade, tantas vezes por ele exaltada, também responde as suas necessidades particulares. Logo nas linhas iniciais encontramos os verbos *amare* e *cupere* - “*Claudius Pollio amari a te*

---

34 *Op. Cit*.p. 15.

35 No original: “ Perge ut coepisti uirumque optimum quam familiarissime dilige, magnamuoluptatem ex amicitia euis percepturus, nec ad breue tempus. 3. Nam cum omnibus uirtutibus abundat, tum hac praecipue, quod habet maximam in amor constantiam. “ *IDEM. Ep. VII.8.2*.p.15

36 No original: “Claudius Pollio amari a te cupit, dignus hoc ipso, quod cupit, deinde qiod ipse te diligit. Neque enim fere quisquam exigit istud, nisi qui facit. Vir allioqui rectus, integer, quietus ac paene ultra modum, si quis tamen ultra modum, uerecundus. Hunc, cum simul militaremos, non solum ut commilito inspexi. Praeerat alae miliariae; ego iussis a legato consular rationes alarum et cohortium excutere ut magnam quorundam foedamque auaritiam, neglegentiam parem, ita huius summam integratatem, solicitam diligentiam inueni.(...) Hunc hominem adpetentissimum tui, mihi crede, complectere, apprehende, immo et inuita ac sic ama, tamquam gratiam referas. Neque enim obligandus, sed remunerandus est in amoris officio, qui prior coepit. Vale.“ Ep. VII.31 pp.45-47.

cupit "-, por meio dos quais observamos que Claúdio deseja não somente ser admitido como um amigo, mas espera ser reconhecido como um *amicus familiarior*. Além disso, ao apresentar o jovem Pólio, Plínio acaba por descrever parte de sua trajetória como homem público: o tribunado militar e o legado consular, o que vem legitimar a indicação feita a Tertulo.

Do mesmo modo escrevendo a Prisco reconhece os antigos laços que o unem ao amigo Atílio Crescente, bem como os interesses que mantém a relação entre eles

> "Tu conheces Atílio Crescente e tu o admiras, pois por qual dos olhares ele não seria pouco a pouco notado e admirado? Eu o admiro, não como todos, mas com uma especial ternura. 2. Nossas cidades estão distantes em um dia de percurso. Nossa amizade recíproca, - e é assim que a amizade é mais viva -, começou em nossa juventude. Ela persistiu em seguida, e o exercício de nossa razão, longe de esfriá-la, fortificou-a. (...) Todos aqueles que nos conhecem sabem perfeitamente, pois ele se vangloria, sobretudo, de minha amizade por ele; eu não deixo ninguém ignorar como sua honra, sua modéstia e sua fortuna me interessam."[37] (tradução nossa)

Portanto, ao lado da amizade, ela própria uma virtude que deve ser cultivada, estão os deveres impostos pela vida pública: "O início de nossa vida e o seu meio devem pertencer a pátria e o seu fim a nós, como as próprias leis nos advertem sobre isso, restituindo nossos últimos anos, à vida privada.[38]

Na correspondência pliniana encontramos o conjunto de valores que faz parte do *mos maiorum* romano. Cabe ao homem procurar o renome, resignando-se com o mundo. Por meio de seus escritos e de sua atividade pública, Plínio procura garantir sua imortalidade, bem como a de seus amigos. Basta lembrarmos que ocupa um lugar na sociedade romana da segunda metade do século I d.C. e as primeiras dezenas do século II d.C., que define sua participação na vida pública e a dimensão de sua influência política. Após ter exercido uma oposição moderada durante o reinado de Domiciano, Plínio se torna um dos ideólogos e participantes mais ativos do poder imperial, principalmente durante o reinado de Nerva e de Trajano. Dirigente de um círculo político-cultural e amigo íntimo de Trajano, ele ilustra a ótica do *princeps*, mas sobretudo, ilustra os interesses de um grupo senatorial de conciliação permanente entre a cúria e o imperador, um grupo aspirando legitimar a política do

---

37 No original: " Atilium Crescentem et nosti et amas, quis enim illum spectatior Paulo aut non nouit aut nonn amat? Hunc ego non ut multi, sed artisime diligo. Oppida mostra unius diei itinere dirimuntur; ipsu amari in uicem, qui est flagrantissimus amor, adulescentuli coepimus. Mansit hic postea nec refrixit iudicio, sed inualuit. Sciunt qui alterutrum nostrum familiarius intuentur.Nam et ille amicitiam meam latíssima praedicatione circumfert, et ego prae me fero, quantae sit mihi curae modéstia, quies, securitas eius." *Ep. VI..8*. pp.105.

38 *Epistola IV.23.3*. p.23; escrita ao cônsul Pompônio Basso.

governante e orientar os interesses dos senadores. Dessa modo, Plínio unia o público e o privado na defesa da *utilitas amicorum*. Ser indicado por ele nestes termos - "... *iuvenis probissimus, gravissimus, eruditissimus, omni denique laude dignissimus*..." [39] era contar com a certeza de um futuro prestigioso na ascensão no interior da carreira pública.

Assim, as noções fundamentais de *fides* e *amicitia* onde repousam as relações de poder designam as relações políticas ou os sentimentos políticos. Em suma, a correspondência de Plínio ilumina a história intelectual, uma contribuição solidamente apoiada pela história e que leva à história das práticas políticas. Todavia, entre uma concepção elevada da *virtus* e a realidade da ação política não podemos omitir a possibilidade de descobrir o caráter impuro e demagógico dessa mesma *amicitia*.

[39] *Epistola II.9.2.* p.65.